

(R)evoluções/transformações musicais na obra de João Pedro Oliveira:
***Peregrinação, Labirinto e Espiral de Luz* - Rosário Santana e Helena Santana**

A interacção entre os universos instrumental e electrónico, originando uma linguagem própria, revela-se na obra de João Pedro Oliveira não só um objectivo, como uma necessidade. O uso da electrónica, querido e desejado, autoriza-lhe o acesso a vastos e diversos campos de acção e transformação tanto discursiva, como tímbrica e musical, campos estes que se lhe encontravam negados, ou de difícil acesso, a nível unicamente instrumental. Por outro lado, a produção de um universo sonoro diverso do instrumental a partir do uso de instrumentos unicamente acústicos revela-se um desafio sendo nosso objectivo mostrar de que forma este é conquistado não só pelo compositor, como mostrar os desafios que se revelam ao intérprete na hora de realizar e conceber os universos sonoros propostos pelo compositor.

Para o autor, a interacção entre os universos instrumental e electrónico, criando uma linguagem própria, manifesta-se a partir do momento em que, e como o próprio afirma, lhe interessa “... ligar ambos os universos sonoros, por um lado, o instrumento [...] e, por outro, o som electroacústico [...], o percurso tem sido de aproximação entre ambos. O resultado reflecte-se nas duas componentes: na parte electroacústica, tenho tentado compor de uma forma “instrumental”, [...]; no trabalho com os instrumentos, as sonoridades têm-se aproximado cada vez mais da electroacústica, quer através do gesto, quer através da utilização de novas técnicas de execução”¹.

O uso da electrónica, permitindo-lhe o acesso a vastos campos de acção e transformação, revela-se assim, necessário ao seu trabalho de composição. Por outro lado, a zona de sobreposição entre eles será a banda sonora que mais interessará ao compositor. A riqueza aí conseguida, e manifesta de forma cada vez mais incisiva ao longo de toda a sua produção artística, transparece. A inovação acústica, técnica, artística e estética que a ela subjaz, consequência cumulativa da evolução conseguida ao longo do seu aperfeiçoamento compositivo, permite mostrar a evolução do

¹ Álvaro SALAZAR, Para um Retracto de João Pedro Oliveira, in: *João Pedro Oliveira*, colecção Compositores Portugueses Contemporâneos, Atelier de Composição, Porto, 2003, p. 95.

pensamento criativo do seu autor e, conseqüentemente, a evolução conseguida ao nível de uma fatia relativa da criação musical portuguesa contemporânea.

Através da análise das obras para quarteto de cordas - *Peregrinação* (1995) e *Espiral de Luz* (2005) -, e para quarteto de cordas e fita - *Labirinto* (2001) -, mostraremos a dissolução da fronteira entre a música instrumental e a música electroacústica e, as diversas técnicas compositivas e interpretativas que aí concorrem. Apresentaremos ainda, a evolução nelas declarada e manifesta tanto a nível compositivo como interpretativo e musical. A notação, mais exigente e simultaneamente mais liberta na última das obras, obriga a uma nova abordagem interpretativa.

Se, por um lado, a sua audição e análise nos permite concluir que o objectivo primeiro do compositor foi alcançado, por outro, permite-nos afirmar que a conquista de novos espaços de reflexão tanto composicional como estética, técnica e interpretativa continua alvo do seu interesse enquanto compositor. O autor, em permanente contacto com as novas tecnologias fica atento, e ciente, das novas possibilidades que se lhe afiguram. Por outro lado, a evolução das técnicas de fixação seja notacional, seja de execução e criação tanto tecnológica como instrumental, assim como, a crescente capacidade técnica dos instrumentistas, permitem, conjuntamente, que o compositor fixe e utilize sonoridades provenientes de uma ideia e de uma sonoridade primeira que não é alvo de qualquer tipo de cedências.

As obras em estudo, desenvolvendo conceitos diferentes, reflectem, no entanto, técnicas composicionais comuns. Certos gestos, sons, traços, técnicas sobressaíam, não sendo, contudo, relevante a designação de cada uma como imagem de eventuais processos de formalização, definição e estruturação musicais. Talvez em *Labirinto* possamos esboçar uma relação entre o título da obra e uma possível definição e estruturação formal pois, a imagem do labirinto, conduz ao labiríntico processo de definição, estruturação e estratificação discursivos e musicais. Por outro lado, o processo não só de repetição, mas também de variação e derivação continuada de um elemento musical surge manifesto. Em *Labirinto* revela-se, no entanto, de uma forma mais marcada. A sensação do já ouvido permite a repetição e utilização continuada do mesmo material musical. A sua variação, necessária, e a utilização da transformação

tímbrica e estrutural dos materiais, redefine o percurso de um mapa que ilustra o processo do labirinto técnico, interpretativo e estético do autor.

Em *Peregrinação* prolifera uma diversidade tímbrica e um desenvolvimento discursivo onde a inquietação sobressai. As estruturas que confronta surgem de forma sucessiva ou simultânea, constituindo espaços revelação tanto para o ouvinte, como para quem interpreta e frui. O quarteto de cordas, pela sua coerência e homogeneidade, anuncia-se fértil e simultaneamente difícil, evidenciando a exigência de uma técnica e sentido estético sem mácula. Para além de uma prática pura, João Pedro Oliveira revela um universo sonoro áureo e cristalino. Os gestos e a gestualidade da obra, criando tensões e distensões constantes impulsionam discursivamente um texto de manifesta clareza tanto formal, como estrutural e discursiva. O uso recorrente dos mesmos materiais, gestos, princípios técnicos e estéticos torna coerente a obra, obrigando o compositor a um esforço suplementar no uso e aplicação de diversas técnicas de variação, nomeadamente através do uso de diferentes formas de ataque e dinâmicas, através da deslocação métrica e temporal, da aglutinação, contracção, supressão, interpolação ou deslocação dos constituintes da obra, ou através da modificação das suas texturas, nomeadamente ao nível da sua cor e materialidade. Abundante em ideias e objectos de som, João Pedro Oliveira congrega aqui um conjunto de princípios que, pela especificidade dos materiais a que se aplicam, nos fornece um universo distinto.

Na última das obras, *Espiral de Luz*, a imagética sobressai. Se por um lado, a confluência dos universos instrumental e electroacústico sobressai, não só na criação e desenvolvimento de objectos musicais, como ao nível do universo sonoro transmitido, por outro, respira-se uma ambiência electroacústica através de uma via unicamente instrumental. A propósito, o compositor afirma: “Gostaria de escrever um terceiro quarteto de cordas (sem fita) em que os instrumentos conseguissem englobar e integrar as suas características, ou seja, teriam que fazer o papel instrumental e, ao mesmo tempo, também o papel dos sons electroacústicos.”²

² Álvaro SALAZAR, Para um Retracto de João Pedro Oliveira, in: *João Pedro Oliveira*, colecção Compositores Portugueses Contemporâneos, Atelier de Composição, Porto, 2003, p. 95.

Neste sentido, a transformação tímbrica aliada a transformações harmónicas e ao uso do ruído como elemento estrutural e estruturante emana. O som, a sua cristalização, variação e desenvolvimento fazem com que o universo sonoro se encontre sempre em expansão. De forma contida e permanente, o jogo de subtilezas tímbricas age sobre a natureza do gesto proposto. A subtileza do uso de um segundo sistema para definir e orientar a execução ao nível da transformação da forma de ataque e do timbre evidencia a relevância deste parâmetro. Este facto, aliado aos contornos e às características dos gestos e objectos propostos, codificam um universo próprio; a subtileza da dinâmica acentua-o, a interpretação manifesta-o.

O trabalho interpretativo, sendo imprescindível ao manifesto da ideia, permitindo o veicular do objecto artístico, conduz a fruição do novo e do enigmático. A tradução e transformação dessa ideia, da imagem inicial em obra, revela-se um processo complexo, sendo que, por vezes, essa ideia ou imagem primeira, se encontra submersa no resultado. O engenho do criador sobressai na forma como materializa essa ideia, e na forma como a sobressai no universo da obra. Neste trabalho laborioso de corporalização da ideia, o engenho técnico surge necessário, permitindo a sua melhor definição e manifestação. Numa segunda fase é o trabalho laborioso de criação/interpretação da obra que sobressai, relevando o universo descrito.

Bibliografia

SANTANA, Helena, *(In)EXISTÊNCIAS do SOM*, Universidade de Aveiro, Aveiro, 2005.

SANTANA, Helena, SANTANA Rosário, *(semi)- BREVES. Notas sobre música do século XX*, Universidade de Aveiro, Aveiro, 2004.

Vários, *João Pedro Oliveira*, colecção Compositores Portugueses Contemporâneos, Edições Atelier de Composição, Porto, 2003.